



Universidade de Brasília

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - HIS**

**HISTÓRIA E CINEMA NO ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA
O CASO DO FILME PANTERA NEGRA**

VINÍCIUS PEREIRA DOS SANTOS GOMES

**BRASÍLIA - DF,
FEVEREIRO DE 2025**

VINÍCIUS PEREIRA DOS SANTOS GOMES

**HISTÓRIA E CINEMA NO ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA
O CASO DO FILME PANTERA NEGRA**

**Artigo apresentado ao curso de
História da Universidade de Brasília,
como requisito parcial para obtenção
do grau de licenciado em História sob
orientação do Prof. Dr. Anderson
Ribeiro Oliva**

**Brasília
Fevereiro, 2025**

Agradecimentos

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha mãe, Leonisia dos Santos, por seu amor e apoio incondicional. À minha irmã, Larissa Pereira, e aos meus queridos Rute Moraes, Gerusa Moraes, Mateus Moraes, Loahny Kayná e Niara Minkah, agradeço por estarem sempre ao meu lado. Agradeço também a todos que me ajudaram nessa caminhada e já partiram: Rui Perpetuo, Manoelina Moraes Gomes e Filipa Pereira dos Santos. Suas memórias e ensinamentos continuam a me inspirar. Por fim, um agradecimento especial ao meu orientador, Anderson Oliva, por sua orientação e apoio fundamentais para o encerramento deste ciclo da minha vida.

**“Gente, só é feliz
Quem realmente sabe, que a África não é um país
Esquece o que o livro diz, ele mente
Ligue a pele preta a um riso contente.”
Emicida**

Resumo

O objetivo deste artigo foi discutir como podemos utilizar a história do herói *Pantera Negra* (no cinema) no ensino de História da África, com base em uma revisão da literatura acadêmica sobre o tema. Neste trabalho elegemos para discussão as dissertações de mestrado de Jairton Peterson Rodrigues dos Santos¹ e de Renato Cavalcante da Silva², ambos ligados ao Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). A partir da revisão desses trabalhos é possível afirmar que o emprego de produções audiovisuais sobre o Pantera Negra permite aos docentes a construção de várias possibilidades de trabalho com a história africana, questionado, por exemplo, a visão eurocêntrica, o colonialismo, o capitalismo e as possibilidades de novos futuros para o continente.

Palavras-chave: Pantera Negra; Wakanda; Cinema; História em Quadrinhos; Ensino de História da África.

¹ SANTOS, Jairton Peterson Rodrigues dos. *A Dois Passos de Wakanda: uma proposta de uso do cinema com temática negra para o ensino de História*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória), Universidade Federal de Sergipe, 2021.

² SILVA, Renato Cavalcante da. *O Pantera Negra e a história da África: reflexões sobre a HQ do Pantera Negra e suas correlações entre o ensino e aprendizagem a respeito da história da África*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória), Universidade Federal de Mato Grosso, 2020.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
O Ensino de História da África no Brasil. Uma breve notícia	8
O Cinema como representação, o filme como “aula”	13
Cinema e o Ensino de História da África	20
Wakanda e o Pantera Negra como releituras sobre a África em sala de aula	21
Conclusão	27

Introdução

A presente pesquisa nasceu no decorrer das aulas cursadas nas matérias de *Laboratório de Ensino de História da África*³ e *História e Cinema: Perspectivas dos Feminismos Negros*⁴, cursadas na Universidade de Brasília entre os anos de 2022 e 2023. Após os debates e leituras realizadas passei a me questionar como os meios de comunicação e a indústria de entretenimento (cinema, HQs, séries) poderiam influenciar a produção e circulação das imagens, discursos e representações produzidos sobre as sociedades africanas e sobre as populações afrobrasileiras e afrodiaspóricas. Inicialmente me indaguei como algo que está inserido no dia a dia das pessoas – como as notícias da comunicação social, séries exibidas nos diversos *streaming*, filmes nos cinemas – e, principalmente, o que foi (é) produzido por grandes editoras como a *Marvel Comics* ou produtoras/distribuidoras de audiovisuais como *Marvel Studios* e a *Walt Disney Pictures*, poderiam influenciar milhões de pessoas, grande parte delas formada por jovens e crianças.

Meus questionamentos também se dirigiram sobre como essas produções poderiam contribuir para a construção e circulação de discursos sobre personagens negros e sobre a História da África. A questão era tentar compreender se essas imagens reproduziam uma série de estereótipos históricos, preconceitos e simplificações sobre aquele continente e suas populações (Oliva, 2010). Ou, se elas, por outro lado apresentavam novas imagens, positivas ou alternativas, que poderiam incentivar a construção de novos imaginários sobre a África (Freitas, 2015). Por fim, e esse se tornou o ponto central a ser tratado neste artigo, a ideia foi perceber como essas representações

³ O curso se propunha a discutir os seguintes tópicos: “Discursos e representações sobre os africanos e a história da África no ensino. Historiografia africana e ensino de História. Propostas e perspectivas para o ensino de história da África. A África nos livros didáticos. A história africana nas propostas oficiais de ensino”. Seu objetivo era refletir sobre a formação e profissionalização do/a professor/a e pesquisador/a em história da África para a Educação Básica. Diretamente relacionado a esse objetivo, o curso também se propunha a discutir a constituição da historiografia sobre o ensino da história da África e dos grupos de historiadores dedicados a estudar a temática. Objetivava, por fim a instrumentalização e a reflexão sobre as metodologias didáticas e de abordagem do ensino da história da África e da educação antirracista nos níveis Fundamental e Médio.

⁴ O curso objetivava analisar os “estudos a partir de uma abordagem discursiva e historiográfica das representações e subjetividades da população negra, sob o aporte teórico dos estudos feministas, com ênfase nas vertentes dos feminismos negros, decoloniais e interseccionais. Destacando-se a importância dos sentidos, significados, valores, crenças, imaginários, práticas sociais e modos de subjetivação que informam as imagens difundidas no cinema. O exercício de historicização das representações cinematográficas se abre, para a compreensão de que as imagens, por exemplo, de mulheres negras são constituídas nas várias interseccionalidades do gênero à raça, classe, profissão, geração, região, religiosidade, sexualidade e outros marcadores de diferenças sociais.

sobre um dos mais conhecidos personagens africanos do mundo das HQs e do audiovisual – o *Pantera Negra* - poderiam ser utilizadas no trabalho docente nas aulas de História da educação básica.

Dessa forma, como uma possibilidade de contribuição e reflexão sobre o tema, optei por realizar uma breve revisão da literatura sobre o assunto, buscando compreender como alguns autores já abordaram o uso do cinema e dos HQs no ensino de história da África e como algumas produções e personagens, como o *Pantera Negra*, participam desse exercício. Sendo assim selecionei duas dissertações de mestrado que resultaram de pesquisas realizadas dentro do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, o PROFHISTÓRIA⁵, em duas diferentes universidades federais. O ProfHistória tem se notabilizado por ser um importante espaço de formação continuada de docentes e de qualificada produção de conhecimento sobre o ensino de História, inclusive sobre a História da África (Oliva; Conceição, 2023). Após uma busca no banco de dados do programa, selecionamos duas dissertações produzidas entre 2020 e 2021. Os trabalhos eleitos foram os dos historiadores e professores Jairton Peterson Rodrigues dos Santos - *A Dois Passos de Wakanda: uma proposta de uso do cinema com temática negra para o ensino de História* - e Renato Cavalcante da Silva - *O Pantera Negra e a história da África: reflexões sobre a HQ do Pantera Negra e suas correlações entre o ensino e aprendizagem a respeito da história da África*. Nossa intenção, portanto, é discutir como esses autores problematizam e apresentam propostas sobre o uso dessas produções no ensino de história africana e como elas podem se tornar aliadas dos/as docentes no enfrentamento do racismo epistêmico nas escolas brasileiras.

O Ensino de História da África no Brasil. Uma breve notícia

O ensino de História da África possibilita que docentes e estudantes possam construir e acessar uma versão mais plural, diversa e humana da História brasileira e mundial. Formadas por experiências diversas, as sociedades modernas não podem negar o papel que milhões de pessoas - escravizadas ou forçadas a se deslocar do continente africano para vários espaços globais - têm na construção de suas histórias e identidades. Esses novos mundos formados a partir do século XVI foram marcados por experiências compartilhadas pela violência e pela exploração, mas também por profundos exercícios

⁵ Disponível em: <http://site.profhistoria.com.br/>, acesso em 10.01.2025.

de resistência, negociação, criação e reinvenção de identidades. Além disso, as migrações africanas continuaram no período colonial e pós-colonial, deslocando outras milhares de pessoas em direção a novas oportunidades e condições de vida. Essa diversidade de origens tem incomodado algumas pessoas, quase sempre do norte global e das antigas metrópoles coloniais.

Tanto as antigas migrações combinadas com o tráfico negreiro e a colonização dos territórios invadidos, quanto as novas migrações pós-coloniais combinadas com os efeitos perversos da globalização econômica, criam problemas na convivência pacífica entre os diversos e os diferentes. (...) Na contramão da globalização neoliberal homogeneizante que quer arrastar todos os povos para o mesmo fosso, ocorre paralelamente em todo o mundo o debate sobre a preservação da diversidade como uma das riquezas da humanidade. A questão fundamental que se coloca em toda parte é como combinar, sem conflitos, a liberdade individual com o reconhecimento das diferenças culturais e as garantias constitucionais. (Munanga, 2015, p. 21-22)

O antropólogo congolês Kabengele Munanga defende que o multiculturalismo pode ser uma alternativa para a construção de uma educação que vise valorizar as diferenças e acabar com as desigualdades na formação dessas novas sociedades. Para uma vida social e cultural justa é necessário um equilíbrio entre emancipação individual ou coletiva e a necessidade de comunicação e entendimento mútuo. Segundo Munanga (2015, p. 22), “sem o reconhecimento da diversidade das culturas, a ideia de recomposição do mundo arrisca cair na armadilha de um novo universalismo. Mas, sem essa busca de recomposição, a diversidade cultural só pode levar à guerra das culturas.”

Para combater o racismo é necessário fazer com que pessoas negras acessem todos os espaços que foram anteriormente negados a elas. Sua presença é fundamental nas escolas, universidades e nos diversos espaços de poder. Mas sua presença também é necessária na história e nos livros escolares, nas produções da indústria de massa e nos meios de comunicação. Ao ensinar a História do Brasil não se deve deixar de ensinar como os povos europeus tentaram exterminar os povos originários e as comunidades de africanos escravizados. Não se deve deixar de ensinar que a miscigenação, tão falada como marca da identidade e da história brasileira, é fruto, também, da violência sexual

que marcaram a vida de milhares mulheres negras e indígenas. Mas também deve-se falar de como esses povos resistiram e sobreviveram a tudo isso. Como, apesar do projeto colonial ser de morte e exploração, esses povos continuam aqui, vivos e nos ensinando. Mais do que isso, de que essas pessoas não tem suas histórias limitadas apenas à escravidão e a colonização, herdando conhecimentos milenares e sendo “filhas” de civilizações e histórias multisseculares.

O historiador congolês Elikia M'Bokolo (2011, p. 144) nos pergunta: “Quando foi o pré-colonial? Antes da chegada dos europeus? Portanto, uma armadilha se põe ao historiador que conecta a África à história europeia. Quando foi o tradicional? Antes da modernidade?”. A ideia de "pré-colonial" surge muitas vezes como sendo um período que, frequentemente, é associado a uma ausência de contato com o mundo europeu ou ocidental. Porém, essa delimitação pode ser problemática, porque ignora que a África já tinha sua própria dinâmica histórica, cultural e política antes da colonização. Dessa forma, definir o "pré-colonial" ou “tradicional” exclusivamente em função da chegada dos europeus, e o “colonial” e o “moderno” como eixos de fundação da história da África, reduz a história africana a um anexo da história europeia, desvalorizando sua autonomia histórica. Passa a ser um marco eurocêntrico para pensar histórias não europeias.

Portanto, M'Bokolo critica os marcos temporais eurocêntricos usados para descrever a história africana, sendo que, dessa forma, a história passaria a ser determinada pelos povos europeus que entraram em contato com outros povos. Essa limitação não se explica apenas pelo uso de um marco temporal ocidental para a história e o desconhecimento sobre o passado africano, mas também quando os textos históricos se baseiam em eventos ou conceitos europeus (como a chegada dos colonizadores ou a ideia de modernidade) para falar de outras histórias. Essa abordagem limita a compreensão da riqueza e diversidade da história africana (M'Bokolo, 2011).

Sabemos que a identidade de um povo é uma construção complexa, que vai além de um único elemento. Embora a história seja crucial, ela se entrelaça com fatores culturais, sociais, linguísticos, religiosos e territoriais. A construção de uma identidade coletiva é, portanto, um processo dinâmico, multifacetado e contínuo.

O longo exercício ao qual me detive é simplesmente para mostrar que a história de um povo é o ponto de partida do processo de construção de sua identidade, além de outros constitutivos como a cultura, os

comportamentos coletivos, a geografia dos corpos, a língua, a territorialidade etc. (Munanga, 2015, p. 31)

O que era (é) ensinado nas escolas brasileiras seguiu durante décadas um discurso de idealização da Europa como modelo de sociedade, desconsiderando a língua, a territorialidade e as histórias de outras sociedades e povos. A luta contra a europeização da história vem sendo travada pelos movimentos sociais negros e indígenas há algumas décadas. Mas, desde a criação do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978, e a organização da Marcha Zumbi dos Palmares⁶ e da Convenção Nacional “O Negro e a Constituinte”, o debate antirracista tornou-se uma pauta nacionalmente conhecida e com diálogo com representantes do Estado brasileiro. Esses movimentos fizeram com que a lei 10.639/03⁷ redesenhasse e ampliasse o debate de práticas antirracistas no campo educacional (Oliva; Conceição, 2023, p. 8).

A promulgação dessa lei federal em 2003 foi o resultado das reivindicações dos movimentos sociais negros do Brasil, que denunciavam há décadas a ausência sobre ensino de história e cultura afrobrasileira e africana nas escolas brasileiras. Além de tornar obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana foi possível observar, desde então, um crescimento na oferta de cursos de formação continuada e de pesquisas que envolviam o tema, além da inclusão de disciplinas sobre a História da África no currículo obrigatório da graduação em História em diversas universidades públicas (Oliva; Conceição, 2023).

As políticas afirmativas ou valorativas não se encerram com a lei que tornou obrigatório o ensino de História da África em 2003. Posteriormente, foi promulgada a Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino da História e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas de ensino fundamental e médio de todo o Brasil. Alguns anos depois foi aprovada a Lei 12.711/2012⁸, que passou a reservar vagas em instituições federais de ensino superior e de ensino técnico de nível médio/superior para estudantes oriundos de

⁶ A Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela cidadania e a Vida apresentou para o presidente Fernando Henrique Cardoso o Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial que previa, entre outras ações: o monitoramento de livros didáticos e currículos e treinamento de professores para trabalharem diversidade racial em sala.

⁷ A Lei 10.639/03 tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas brasileiras, buscando valorizar a contribuição dos afrodescendentes na história e combater o racismo.

⁸ “Em 1999 a UnB possuía cerca de 1500 professores/as, dos quais, apenas 15 eram negro/as, 1% do total (CARVALHO, 2005-2006, p. 91). Em 2016, uma reportagem do portal G1 divulgava que, entre os seus 3.670 docentes ativos ou aposentados, apenas 65 se autodeclaravam negros/as, menos de 1,77%.¹⁸ Em outras palavras, o corpo docente da Universidade de Brasília era composto, em 2016, por mais de 98% de professores/as brancos/as” (OLIVA; CONCEIÇÃO, 2023, p.21).

escolas públicas, com cotas para alunos de baixa renda e com recorte étnico-racial, para candidatos pretos, pardos e indígenas. No mesmo período outras conquistas ocorreram no Brasil no campo das lutas antirracistas.

A luta pelas políticas afirmativas nas universidades a partir do começo do século XXI; a criação, em 2000, da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN -, que teve e tem papel incontestado na circulação e produção de um pensamento negro e afrodiaspórico fecundo, plural e no enfrentamento ao racismo epistêmico; a ocupação por escritores/as negros/as de espaços literários como as bienais e livrarias, quase que exclusivamente reservados à hegemonia da branquitude. (Oliva; Conceição, 2023, p. 09)

A importância das ações afirmativas e da presença negra em diversos espaços acadêmicos e culturais no Brasil, a partir do início do século XXI, é indiscutível. A ABPN é de suma importância para o enfrentamento do racismo epistêmico, pois foi um espaço de produção acadêmica de pessoas pretas. A pesquisadora Cida Bento (2022), no seu livro “Pacto da Branquitude”, nos lembra ainda como os espaços acadêmicos eram/são majoritariamente brancos, sendo importante ressaltar espaços como a ABPN que fortalecem escritores/as pretos/as.

A história africana, até meados do século XX, era contada no ocidente a partir das lógicas coloniais e eurocêntricas. Segundo o historiador Alberto da Costa e Silva relatos feitos por europeus, como Heródoto e Cláudio Ptolomeu, apresentavam uma visão diferente e simplista do que viam na e sobre a África. Por exemplo, Heródoto, escritor da antiguidade clássica, apresentava em seus textos aspectos da beleza da região etíope ao mesmo tempo que descrevia os etíopes como “selvagens”. Ptolomeu destacava as informações climáticas da região, que seria marcada pelo calor e por ser uma zona estéril, dessa forma ignorando toda a história e cultura dos etíopes (Oliva, 2010). O historiador Amailton Azevedo nos lembra que a África era tratada como uma “outra história”.

O “outro” seria uma invenção discursiva eurocêntrica que se remete ao período da chegada de europeus nas Áfricas e Américas. Nessa invenção o “outro” histórico na modernidade europeia foi sempre o ingênuo, o primitivo, o gentio, a periferia, a margem, o lugar ausente, o colonizado, o atrasado, o sul, o negro, o índio, o escravo, a colônia. A

persistência dessa categoria - “o outro” -, e seu elogio, reforça estereótipos e silêncios prolongados, o colonialismo mental e epistemológico, sob novas bases, aparentemente, positivas. (Azevedo, 2016, p. 44)

Importante ressaltar que as ações feitas para proporcionar equidade nos ambientes educacionais não são o suficiente para garantir uma educação antirracista, mas são ações importantes para buscar uma reparação história para com os povos negros e indígenas. Apesar de alguns avanços, em livros didáticos, a história africana ainda é abordada com uma importância menor a que é concedida à história europeia.

Com efeito, a história da África, como a de toda a humanidade, é a história de uma tomada de consciência. Nesse sentido, a história da África deve ser reescrita. E isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada. Pela “força das circunstâncias”, ou seja, pela ignorância e pelo interesse. Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro. (Ki-Zerbo, 2010, p. 32 apud Silva, 2022, p. 79).

É necessário enfrentar os efeitos do eurocentrismo, do colonialismo, do racismo e da xenofobia. Oliva e Conceição (2023) citam a urgente necessidade de acabar com as “Bibliotecas coloniais”, sendo necessário conhecer novos autores de preferência africanos e que partem de uma perspectiva epistêmica africana. Acreditamos que tal perspectiva também sirva para as imagens que nos habituamos a ver de África. Temos que ver o continente e a sua história por outras lentes e com outras projeções, que não escondam uma parte de seu passado – marcado pela violência da escravidão e da colonização -, mas que não fixem os olhares apenas sobre essas imagens. A África e sua história são plurais, diversas e ricas.

O Cinema como representação, o filme como “aula”

Ao utilizar um filme como ferramenta pedagógica, o professor e historiador precisa levar em consideração que “os filmes históricos, mesmo quando sabemos que são representações fantasiosas ou ideológicas, afetam a maneira como vemos o passado” (Rosestone, 2010 apud Santos, 2021 p. 64). Para o historiador, é essencial entender que filmes sobre temáticas históricas, mesmo quando são reconhecidos como representações ficcionais ou dramatizadas de eventos e temas históricos do passado e do presente, possuem um valor significativo na análise histórica ou na forma como as pessoas interpretam e pensam a história. Filmes não apenas retratam uma visão representacional da história, mas também influenciam a forma como o público compreende e se relaciona com o passado e com o presente.

Ao pensar a relação entre história e cinema gosto de iniciar esse diálogo imaginando uma frase frequentemente utilizada em cardápios de restaurantes ou em embalagens de produtos: “essa imagem é meramente ilustrativa”. Não se pode olhar para a tela de cinema e apenas acreditar no que seus olhos estão vendo ou os seus sentidos percebendo. O cinema não é apenas um produto. Ele é uma ferramenta que está a serviço de um grupo, seja ele político, econômico, ideológico ou intelectual. Para compreendê-lo é necessário entender a linguagem cinematográfica (componentes técnicos). Mas é, igualmente importante, saber quem produziu o filme, para que e a serviço de quem (Ferro, 2004; Szlachta Junior, 2008). O cinema é uma ferramenta que pode mexer com a percepção dos fatos por parte dos estudantes, dessa forma o docente vai precisar entender o contexto em uma determinada obra foi criada, para ter uma percepção melhor sobre as motivações que levaram à encenação daquela história, a forma como personagens, cenários, sociedades e fatos foram representados, e refletir sobre o que aquela cena representa e delimitar até onde realidade e ficção dialogam.

Percebemos, a partir das diversas leituras, que os filmes são representações da realidade e que através deles circulam informações, códigos, padrões culturais, construções sobre a realidade e que eles afetam o entendimento sobre o passado. A produção cinematográfica constrói uma narrativa sobre determinado período ou evento histórico. Já que são criadoras de narrativas, as películas são ferramentas de

grande importância para o historiador e para o Ensino de História, pois elas produzem sentido histórico. (Santos, 2021)

Enfim, é necessário um cuidado ou uma metodologia atenta quando o filme se torna uma fonte para a pesquisa histórica, ou uma ferramenta didática em sala de aula, pois a ficção e a realidade são separadas, às vezes, por uma linha muito tênue, podendo se misturar a qualquer momento durante uma exibição ou assistência de uma narrativa fílmica. Além disso, devemos levar em consideração o caráter hipnótico que a grande tela pode exercer nos espectadores, respondendo a anseios afetivos e perceptivos.

Outro aspecto relevante sobre esse tema, como destaca o historiador Marc Ferro (2004), é o fato de o cinema ser uma ferramenta que está a serviço de alguém ou de um projeto, seja ele político, ideológico, econômico ou intelectual. No Brasil, por exemplo, a utilização do cinema como instrumento de propaganda e controle ideológico-político passou a ser um projeto levado a cabo na política da Era Vargas (Santos, 2021), com o intuito de se divulgar uma suposta identidade nacional e de tentar controlar as ideias. Naquele período, o cinema passou a ser regulamentado pelo decreto 21.240, de 4 de abril de 1932. O documento previa a censura prévia dos filmes, o que se refletia na necessidade de que todas as películas precisavam de um certificado de autorização do Ministério da Educação e Saúde Pública para sua exibição (Maynard, 2013).

A utilização das mídias, propagandas, jornais e do rádio por Getúlio Vargas e por governos seguintes (como durante a Ditadura Militar e mesmo no presente) nos remete a uma observação que Stuart Hall (2016) trabalhou em seu livro “Cultura e representação”. Naquela obra o sociólogo jamaicano nos lembra que durante muitos anos a utilização da linguagem cinematográfica esteve concentrada nas mãos de poucas pessoas, retratando apenas a sua visão de mundo e reproduzindo leituras estereotipadas sobre os outros povos (Hall, 2016, p. 139-160). Um dos exemplos citados por Hall foi a produção e exibição do filme “O nascimento de uma nação”, de D. W. Griffiths, em 1915. Segundo Hall, o diretor estadunidense conta a história do “nascimento da nação norte-americana” trazendo identificações com a salvação da pátria e com o nascimento da Ku Klux Klan (Hall, 2016). Outro exemplo pode ser observado na criação dos HQs (Histórias em Quadrinhos) que também construíam no imaginário infanto-juvenil e adulto as representações de diversos heróis, temas, lugares e pessoas.

A criação da primeira HQ de super-herói dos EUA, Superman, gerada em 1938 pela Editora DC Comics, dialoga profundamente com a sociedade estadunidense, que estava vivendo um período de depressão econômica e com diversos problemas sociais, como fome, desemprego e confisco de terras. Esses fatores tiveram como consequência o aumento da violência e do crime organizado com a presença dos gângsteres. Superman era um ser vindo do espaço, branco, intelectual, que tinha em suas vestes de herói a bandeira dos EUA; com seus superpoderes, ele destruía o mal e protegia sua comunidade. Segundo Viana (2005), era a representação que o povo branco estadunidense precisava para aquele período. (Santos, 2021 p. 86)

Ou seja, a história do Superman, personagem criado para fortalecer a imagem típica do estadunidense branco e “honesto”, foi uma estratégia de fornecer para crianças e demais leitores um referencial de comportamento e de admiração no campo ficcional, com os quais as pessoas comuns pudessem se sentir representadas e permitir o fortalecimento da ideia de um país forte, branco, masculino, que protege os cidadãos.

Stuart Hall defende também que a utilização política dos filmes pode participar da formação da identidade de uma sociedade. Ele apresenta em seu texto a importância da representação para a construção das identidades políticas. A falta de representatividade e as representações negativas nos meios de comunicação e na cultura podem levar a uma sensação de inexistência ou exclusão para determinados grupos. A ideia de que a representação é existencial e se torna política ao dar voz a grupos marginalizados é central em muitos debates sobre empoderamento e inclusão. Por exemplo, na década de 1930, os atores negros eram representados em filmes populares principalmente nos papéis subordinados e em personagens tipificados como “bobos da corte”, simplórios, servos fiéis e empregados subalternizados (Hall, 2016, p. 175-193).

Hall elenca alguns dos principais estereótipos que marcavam a participação de artistas negros no cinema, ou seja, os papéis que eles mais representavam: os “nativos felizes”, tidos como sem cérebro, sendo o seu papel divertir os brancos; os “malandros” - “os pretos” inúteis -, criaturas subumanas, suspeitas, loucas, preguiçosas; a “mulata trágica” - a mulher de raça mista, que vive aprisionada em sua “herança racial dividida”; as “mães pretas” - geralmente com a função de empregada doméstica, por muitas vezes retratada como uma mulher gorda e mandona (HALL, 2016, p. 177-178). Essas eram as marcas do que Hall denominou de processo de “estereotipagem”.

A estereotipagem, em outras palavras, é a manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro” (insiders) e “forasteiros” (outsiders), entre nós e eles. (Hall, 2016, p. 192)

Os estereótipos, portanto, separam as pessoas que estão dentro e fora dos limites da “normalidade”, ou da humanidade aceitável, limites que são impostos por pessoas – brancas, europeias, masculinas, cristãs - que se julgam superiores às demais. Sobre essa forma de pensar os estereótipos precisamos levar em consideração a relação de poder entre as partes envolvidas, já que Hall nos lembra que “a estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder” (Hall, 2016, p. 191). Os estereótipos citados anteriormente reduzem as pessoas negras a traços específicos, muitas vezes inexistentes, reduzindo as pessoas apenas a isso. Evidenciavam também o quanto elas seriam diferentes do padrão aceito como “normal”, como “humano” e o quanto as desigualdades seriam “justificáveis”.

As mídias, as produções audiovisuais e a comunicação social alcançavam (alcançam) milhões de pessoas com facilidade todos os dias. A representação de pessoas negras apenas nesses papéis ajudou a fortalecer um olhar único e racista sobre a história da África e sobre a história do negro no mundo. Assim, como nas escritas dos livros didáticos, não podemos ter pessoas pretas representadas apenas como coadjuvantes e em papéis estereotipados. Elas precisam contar todas as suas histórias, a partir de suas próprias perspectivas.

No entanto, a história do cinema e da comunicação social no século XX revela-se como um exercício de retratar as pessoas pretas de forma negativa, ressaltando, inclusive algumas características físicas, também estereotipadas, como os lábios grossos, o cabelo crespo, o rosto e nariz largos (Hall, 2016). Era preciso confrontar essas imagens. Era preciso construir novas representações. Apesar disso, ainda nos últimos anos, vemos que os estereótipos ainda estão presentes nos meios de comunicação. Vejamos, rapidamente, como esses estereótipos apresentados por Hall ainda podem ser encontrados nos veículos de comunicação no Brasil, no século XXI.

Figura 01: Propaganda Assolan



Fonte: <https://frankamente.blogspot.com/2005/07/propagandas-esquisitas-2.html>

Figura 02: Propaganda do Governo do Distrito Federal



Fonte: CNN Brasil (2023)

A figura 01 é uma propaganda da marca de produtos de limpeza *Assolan*, veiculada no ano de 2005. Nela a imagem associa a palha de aço ao cabelo de pessoas negras, como se o cabelo fosse algo tão duro e áspero que pudesse ser utilizado para fazer limpezas. A representação é uma leitura racista e violenta contra pessoas negras. Sua violência é simbólica e física. Já a figura 02 é uma campanha promovida pelo Governo do Distrito Federal, em 2023, que buscava conscientizar a população sobre os riscos das queimadas, que acontecem no período de seca na região central do país. Mas quando a campanha foi veiculada associaram o cabelo crespo de uma pessoa negra às queimadas no cerrado. São exemplos de como as representações sobre os negros continuam, muitas vezes, ainda atravessadas por estereótipos. Essas formas de representação negativas também recebem outras roupagens, como a pequena presença de profissionais negros em espaços de prestígio, nas equipes de produção e na visibilidade nos meios de comunicação.

A televisão e a cinematografia brasileiras também seguem esse modelo excludente. Em 2018, apenas 7,98% dos atores das três principais emissoras de canal aberto do país, Globo, Record e SBT, eram negros, e seus papéis eram secundários. Essa falta de representatividade, que por muitos é negada e vista como “vitimismo”, chegou a tal ponto que na novela “Os 10 mandamentos (2015)”, da TV Record, os egípcios antigos, que eram negros, foram representados como homens e mulheres brancos(as). (Santos, 2021 p. 80)

Os dados apresentados por Santos nos ajudam a compreender como as representações de pessoas pretas em emissoras de canal aberto da televisão brasileira ainda são marcadas por apagamentos e papéis estereotipados. Voltamos a repetir a análise de Stuart Hall que afirma que estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder, geralmente dirigida contra um grupo subordinado ou excluído (Hall, 2016). Pessoas negras possuem dificuldades para acessar espaços de produção dos meios audiovisuais, assim como em ser representadas de forma positiva e com protagonismo. É preciso refletir também sobre quem está acessando essas produções. E como essa falta de representação chega até as pessoas que estão consumindo produtos feitos por essas empresas.

Cinema e o Ensino de História da África

Selma de Fátima Bonifácio e Luís Fernando Cerri destacam que a chamada democratização da narrativa perpassa por elementos do cotidiano presente na vida dos estudantes, ou seja, um produto dos meios de comunicação em massa pode ser aproveitado como ponto de partida de qualquer processo de ensino e aprendizagem. A abordagem de um assunto construído a partir de elementos presentes do meio social com temas difundidos pelos meios de comunicação das mais diversas formas possíveis a exemplos de filmes, músicas, programas de rádios, quadrinhos, desenhos animados, mídias digitais, Facebook e canais de Youtube dão novos significados ao processo de aquisição do conhecimento, pois os educandos terão facilidade de verbalizar e refletir as informações e conteúdos debatidos por eles no cotidiano e assim tornando-se tão proeminentes no processo educacional quanto o professor. (Bonifácio; Cerri apud Silva, 2022, p. 57).

As produções audiovisuais estão presentes no dia a dia das pessoas desde o século XX, mas a facilidade de acesso aos meios digitais no século XXI é incomparável. Um filme, uma postagem, um vídeo publicado no Youtube, por exemplo, podem ser acessados por milhões de pessoas ao mesmo tempo. Como vivemos em uma sociedade audiovisual ou, cada vez mais digital, entender/analisar a linguagem cinematográfica ou os discursos é uma condição para que as pessoas possam transitar por diversos campos sociais, já que nossa identidade também é construída nesse âmbito, no virtual, nas imagens e nas interações digitais e midiáticas (Santos, 2021).

Filmes devem ser entendidos como representações da realidade (ou mesmo ficções totais) e é fundamental que os docentes debatam isso com seus alunos. Discutir esse conceito auxilia na “superação da concepção de que as imagens fixas ou em movimento sejam entendidas como o real, como o fato histórico” (Santos, 2021). Antes de exibir um filme na sala de aula é importante realizar uma análise prévia do filme, do seu contexto de produção e do contexto encenado. Qual é a sua indicação (etária e temática), quem produziu, qual estúdio financiou, quem dirigiu, quem são os atores, quais discursos estão sendo reproduzidos? Além disso, o filme não é um substituto de uma exposição didática ou da abordagem docente, sua exibição faz parte da aula, da análise de conteúdos e do tratamento histórico dos assuntos.

Junto com os estudantes é importante também entender como eles “assistem” ao filme. O professor pode provocar os estudantes para o debate, levantando observações de como os personagens estavam vestidos, qual era a linguagem utilizada, como os grupos

sociais estão sendo representados, como os personagens estão sendo enquadrados na cena (Santos, 2021).

O Ensino de História deve fazer escolhas pedagógicas capazes de possibilitar aos estudantes refletirem sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com a problemática histórica dentro do seu grupo de convívio, da sua localidade, da sua região e da sociedade nacional e mundial. Assim como a História é constantemente reescrita, o Ensino de História em muitos momentos também é reformulado, no entanto ele observa algumas regras. “Para que exista Ensino de História é necessário estabelecer finalidades, explicitar conteúdos, definir métodos e fazer a avaliação da aprendizagem” (...). O filme corresponde a um componente capaz de alicerçar a sensibilidade de um conteúdo histórico. Como produto de uma época, pode ser utilizado para avaliar um contexto social, político e cultural de um período. Portanto, a proposta deste trabalho vê a relação entre cinema e História como um veículo para a construção de sentido e consciência histórica. (Santos, 2021, p. 16)

Wakanda e o Pantera Negra como releituras sobre a África em sala de aula



Imagem 34: Cartaz do filme *Black Panther* (*Pantera Negra*)

Fonte: Marvel, 2018. Disponível em: <https://disney.com.br/filmes/pantera-negra>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Imagem 3 – Santos, 2021, p.93

O filme *Black Panther* (*Pantera Negra*) foi lançado pela *Marvel Studios* em 2018 e é “inspirado em uma história de super-herói em quadrinhos (HQ) de mesmo nome, criada por Stan Lee e Jack Kirby, publicada pela editora Marvel Comics em 1966” (Santos, 2021, p. 85). O longa metragem permite, entre outras reflexões, que possamos discutir com os estudantes como os países africanos eram vistos pelas lentes do eurocentrismo e como a história africana estava escondida dos próprios africanos. Para Santos, um dos impactos dessa produção cinematográfica pôde ser percebido na forma com a população afro-americana e afro-diaspórica recebeu o filme, e como ele impactou positivamente a sua autoimagem.

Em 2018, a comunidade negra mundial saiu perplexa das salas de cinema após assistir a *Pantera Negra*. Eram sentimentos de pertencimento, empoderamento e orgulho próprio. A película tão esperada seria mais um filme do Universo Marvel, um longa-metragem de super-herói que se interligava a outros para defender o cosmos da maldade daqueles que queriam destruí-lo. No entanto, a obra não aborda apenas isso, ela era a representação da celebração das culturas negras pelo mundo, tendo a África como seu berço. (Santos, 2021, p. 93)

No “filme, assim como na HQ, existe uma nação africana fictícia chamada Wakanda”. Esse reino desenvolveu uma civilização “dotada de altíssima tecnologia (...) e um povo altamente orgulhoso de seu país e de sua história. Por portar o *vibranium*, o mineral mais cobiçado do mundo, esse território se fecha para as demais nações” (Santos, 2021). Sua tecnologia permite que o reino se esconda por meio de uma redoma. “A África reproduzida pelo filme não é composta por pobreza, fome, guerras e falta de tecnologia como se reproduz em alguns filmes” (Santos, 2021, p. 94).

Uma interpretação dessa característica de Wakanda, associada à história africana, permite que vejamos essa barreira de proteção e invisibilidade entre esse reino e os outros povos africanos e do mundo, como uma estratégia do rei T’challa, de preservar sua riqueza e o seu povo da cobiça colonial e da exploração imperial. Da mesma forma, a barreira impede que possamos ver o que “há de melhor” naquele reino africano, como o filósofo Kwame Appiah (2007) fala no livro “Na casa de Meu Pai”: “apesar da pobreza, guerras existe cultura, riquezas”. Neste caso a proteção contra outros países pode ser

analisada de outra forma, agora como a barreira criada pelo eurocentrismo que impede de ver a história, cultura e tecnologia africanas.

Apesar da realidade esmagadora do declínio econômico, apesar da pobreza inimaginável, apesar das guerras, da desnutrição, da doença e da instabilidade política, a produtividade cultural africana cresce a olhos vivos: as literaturas populares, a narrativa oral e a poesia, a dança, o teatro, a música e as artes visuais, todos vicejam. A produção cultural contemporânea de muitas sociedades africanas - e as muitas tradições cujos testemunhos persistem de modo muito vigoroso – são um antídoto contra a visão sombria do romancista pós-colonial”. (Appiah, 2007, p. 219)

É certo que existem várias Áfricas em um mesmo continente. Para além da fome, miséria, desnutrição, doenças - resultados de séculos de tráfico, colonização e de décadas de problemas internos aumentados pelo neoliberalismo e neocolonialismo -, existe uma África rica, diversa, historicamente plural e grandiosa, como defendem os panafricanistas. Mesmo que o continente tenha graves questões a resolver, essas não são suas características principais. Apesar disso, em grande parte dos meios de comunicação e nas produções cinematográficas essas são as imagens utilizadas para retratar o continente. Os meios de comunicação contribuem para a formação do “pensamento crítico” ou para a alienação das pessoas e é importante refletir como essa troca de informações influencia a maneira como as pessoas pensam e representam a África e aos africanos.

Utilizar filmes em sala de aula permite que os estudantes consigam entender como o discurso, mesmo que de forma sutil, pode influenciar suas visões de mundo. Pensar no herói Pantera Negra como uma ferramenta pedagógica permite a construção de um olhar diferente para o continente africano. Seja no cinema, seja nos HQs.

Na revista em quadrinhos do Pantera Negra as concepções da África são diferentes daquelas expostas em sua maioria pelos meios de comunicação e filmes ao longo do século XX e início do XXI. Desde o primeiro episódio publicado sobre o Pantera Negra em 1966, ainda dentro do título do Quarteto Fantástico, fica latente outra exposição a respeito da África. Wakanda é desenhada e descrita como um reino rico,

pacífico e estável. O rei é amado por todos sendo o principal vetor da transformação material e tecnológica do país. Stan Lee e Jack Kirby possibilitaram para as crianças estadunidenses uma nova forma de pensar o continente africano a partir de Wakanda. (Silva, 2022, p. 87)

A história do *Pantera Negra*, nos cinemas ou nos quadrinhos, oferece também oportunidades para reflexões sobre o ensino e a aprendizagem da história da África, especialmente ao considerar como a narrativa do personagem desafia os estereótipos e promove uma visão mais complexa e digna das culturas africanas. A representação de Wakanda como uma nação africana altamente desenvolvida e tecnologicamente avançada contrasta com a visão eurocêntrica e estereotipada do continente como um espaço subdesenvolvido, oferecendo uma narrativa afrofuturista⁹ que conecta tecnologia e tradição africana de forma inovadora. Dessa forma, a diversidade cultural apresentada em Wakanda, com seus vários povos e tradições, também oferece uma oportunidade pedagógica de discutir a pluralidade cultural do continente africano.

(...) Wakanda é descrito como o país mais desenvolvido do mundo. Acreditamos que essa concepção ficcional possa ser trabalhada em sala de aula traçando paralelos com a história, pois houve civilizações com profundos conhecimentos arquitetônicos, metalúrgicos, medicinais, navais, artísticos e filosóficos na África durante toda sua história; povos que, em determinados períodos, tiveram maiores produções materiais e culturais em relação aos europeus e populações de outras regiões do planeta. (Silva, 2022, 89)

Esse aspecto descolonizador da ficção permite uma releitura das historiografias tradicionais, propondo uma abordagem crítica das representações coloniais e estimulando o reconhecimento da autonomia e da resistência africana. Além disso, a presença de um herói africano como T'Challa ressalta a importância da representatividade no currículo escolar, possibilitando que alunos afrodescendentes se vejam refletidos em personagens de destaque, fortalecendo suas identidades culturais e

⁹ Segundo Alan Rodrigues Soares afrofuturismo é um movimento cultural que combina elementos da ficção científica, história, fantasia e cultura africana e da diáspora africana. O movimento foi desenvolvido por Mark Dery em 1994, mas o movimento já existia desde a década de 1960 nos Estados Unidos, abrangendo literatura, música, política, moda e cinema. O afrofuturismo projeta tradições africanas no futuro, criando representações alternativas que são ausentes ou distorcidas no Ocidente.

promovendo uma maior valorização das contribuições africanas ao longo da história, muitas vezes tratada de forma homogênea nos currículos escolares.

Os caminhos para a abordagem da história africana a partir do diálogo com o personagem do Pantera Negra são tão diversos que Silva (2022) elaborou um guia didático chamado “Conhecendo a História da África com o HQ Pantera Negra”, voltado para o ensino médio. No guia ele oferece uma análise sobre como a cultura pop pode ser usada como ferramenta didática para ensinar História da África no Ensino Médio. Na primeira parte do material, “Quando tudo começou”, Silva aborda a versão inaugural da HQ Pantera Negra, criada por Stan Lee, em 1966. No mesmo ano de sua publicação nascia o Partido dos Panteras Negras, marcado pelo seu espírito de autodefesa, alinhamento socialista e comunitário, em um período conturbado, onde a luta por direitos civis por parte da comunidade negra gerava uma reação furiosa de grupos supremacistas e do Estado americano. O nome do partido não foi inspirado no HQ, mas sim pelo “uso da pantera negra como um símbolo que havia sido usado recentemente pela *Lowndes County Freedom Organization*, um movimento negro independente no Alabama”¹⁰.

Com relação ao movimento social, a alcunha de Pantera Negra inspirou-se no Clark College em Atlanta, em razão de o animal ser o símbolo da escola. Segundo Huey Newton, um dos fundadores do partido junto com Bobby Seale, a escolha do animal como símbolo era devido à circunstância de quando acuada a pantera ataca provocando um embate mortal. (Silva, 2022, p. 68)

Silva, em seu material, propõe ainda que professores e estudantes relacionem as histórias em quadrinhos e o Partido dos Panteras Negras. Na segunda parte do guia, “Conhecer Wakanda para ampliar a visão: a África para além do senso comum”, o autor promove o rompimento com os estereótipos produzidos sobre o continente. Silva ressalta alguns preconceitos que foram reproduzidos na primeira versão da HQ, como a ideia de que essa sociedade estaria parada no tempo. O autor apresenta uma reflexão sobre o que entendemos sobre o continente africano e as suas configurações econômicas e sociais. O autor analisa também uma outra versão da HQ que foi lançada em 2005, na qual compara a revista em quadrinhos e o imperialismo europeu, estabelecendo comparações entre a

¹⁰ Disponível em <https://www.archives.gov/research/african-americans/black-power/black-panthers>, acesso em 10.2.2025.

trama da HQ, em que Wakanda resiste a um invasor europeu, e o período em que o continente africano sofreu invasões. Segundo Silva (2022) o principal objetivo das metrópoles imperiais e coloniais era alocar recursos excedentes em outros territórios com intuito de conquistar fontes de recursos naturais e mão de obra. Em versões anteriores do HQ isso é ainda mais marcante como, por exemplo, em um HQ de 1966 que retrata as ações criminosas de Ulysses Klaw em Wakanda (Silva, 2022). Essas ações aconteceram para que o vilão roubasse o valioso *vibranium*, recurso natural de alto valor que se encontrava em alta concentração em território wakandano.

Klaw simplesmente deseja o vibranium, o recurso natural existente no país fictício. O super-vilão, junto com os seus capangas, executaram o rei T'Chaka, mataram vários wakandanos e destruíram parte da vila que abrigava moradores. Apesar de Klaw, nesse enredo, ser um sul-africano, ele encarna o espírito do branco europeu que invadiu a África e outras regiões do mundo à procura de matérias-primas. (Silva, 2022)

Por fim, Silva traça paralelos entre o reino de Wakanda e a Etiópia. Durante a história apenas dois países africanos não teriam sido colonizados: Libéria e Etiópia. A Libéria era um lugar de retorno para afrodescendentes estadunidenses ex-escravizados, que chegavam à África com a esperança de não sofrer mais racismo. A região permaneceu um tempo sob a tutela dos Estados Unidos da América, contando com sua “proteção”.

Quando as relações entre a Libéria e a Europa tornaram-se insustentáveis o governo liberiano solicitou ajuda dos Estados Unidos que, em muitas vezes, atuou protegendo os interesses internos do país africano, de certa forma a Libéria foi uma espécie de protetorado estadunidense. (Silva, 2022)

Já a Etiópia ocupa um lugar central no pensamento pan-africano e nos imaginários africanos e diaspóricos. Sua origem milenar, sua resistência e vitória contra o imperialismo colonial a associam diretamente com Wakanda. O reino africano da vida real fez isso utilizando sua força militar e estratégias sofisticadas. Já o reino de Wakanda da ficção realiza investimentos científicos também sofisticados, sendo possível observar isso quando o filme mostra o laboratório que é administrado pela princesa Shuri, além do investimento das tropas que protegem o reino.

Dois aspectos foram fundamentais para a resistência do povo etíope: a capacidade de organização militar e a modernização do país. A disponibilidade de recursos bélicos modernos importados dos russos e franceses foi indispensável para a vitória contra os italianos. O imperador Menelik II estimulou a modernização de seu país; fundou uma nova capital, a cidade de Adis Abeba; mandou construir infraestruturas como escolas, hospitais, bancos, hotéis e ferrovias. O dirigente do país soube aproveitar os conhecimentos científicos e tecnológicos dos europeus para manter a liberdade de seu povo. (Silva, 2022)

A história africana e afro-brasileira ainda passa por estereótipos, pensar essa história a partir das grandes produções cinematográficas nos permite entender como as representações da cultura POP podem influenciar na construção do imaginário das pessoas. A história do Pantera Negra se torna uma grande aliada para o fortalecimento do Ensino da História da África. Santos, defende que:

Black Panther dialoga bem com esse momento porque sua narrativa é voltada ao orgulho e empoderamento dos povos de origem e descendência africana. Mesmo sendo uma adaptação, os debates do filme discutiram bastante sobre as temáticas dos quadrinhos. O negro é visto como protagonista, dotado de tecnologia e importante nos debates das relações internacionais. Eis uma resposta para os movimentos conservadores de cunho racista, que queriam construir uma representação negra a partir do descrédito, da fraqueza e da insubordinação. (...) A adaptação das HQs para fomentação de uma película de *Pantera Negra* é muito importante no processo de representações de crianças, adolescentes, homens e mulheres negros(as) pelo mundo, pois, ao serem representados nas telas a partir de sua força e não de sua exploração, eles não só se identificaram com a película, mas se projetaram a partir dela. (Santos, 2021, p. 92)

Conclusão

Pesquisar as relações entre a história e o cinema foi uma escolha que nasceu do meu desejo de entender como narrativas ficcionais, produzidas por editoras como a Marvel Comics, podem auxiliar na construção do pensamento crítico e no rompimento de estereótipos. Dessa forma, este artigo buscou explorar as possibilidades pedagógicas do cinema e das histórias em quadrinhos (HQs) no ensino da História da África, utilizando como estudo de caso a representação do herói Pantera Negra no cinema. A análise das narrativas presentes no filme "Pantera Negra" mostrou como as mídias audiovisuais podem ser ferramentas eficazes para desconstruir estereótipos racistas e eurocêntricos e promover uma visão mais complexa, plural e real das culturas africanas.

O uso em sala de aula da história do Pantera Negra não deve ser percebido apenas como um recurso didático. O cinema, os quadrinhos e a educação formal são modelos de socialização dos indivíduos. Nesse sentido, Selma de Fátima Bonifácio e Luís Fernando Cerri (2005) destacam que a chamada democratização da narrativa perpassa por elementos do cotidiano presentes na vida dos estudantes. Ou seja, um produto dos meios de comunicação em massa pode ser aproveitado como ponto de partida de qualquer processo de ensino e aprendizagem.

Utilizar filmes em sala de aula permite que os estudantes consigam entender como os discursos sobre determinados temas são construídos, mesmo que de forma sutil, podendo influenciar suas visões de mundo. Pensar no herói Pantera Negra como uma ferramenta pedagógica permite a construção de um olhar diferente para o continente africano. “O cinema tem amplo caráter educativo. Como vivemos em uma sociedade audiovisual, entender a linguagem cinematográfica é condição para que se possa transitar por diversos campos sociais, já que nossa identidade também é construída nesse âmbito” (Santos, 2012 p. 77).

As histórias de Wakanda e do Pantera Negra rompem com os estereótipos reproduzidos para contar a História da África, produzindo uma visão mais autêntica e positiva do seu passado. Através do exame das dissertações de Jairton Peterson Rodrigues dos Santos e Renato Cavalcante da Silva, foi possível identificar metodologias e abordagens que utilizam o cinema e as HQs para enriquecer o ensino de História, destacando a importância de uma educação antirracista e multicultural.

A representação de Wakanda como uma nação africana altamente desenvolvida e tecnologicamente avançada oferece uma narrativa afrofuturista que desafia as visões estereotipadas do continente africano. Essa abordagem permite que os estudantes afrodescendentes se vejam refletidos em personagens de destaque,

fortalecendo suas identidades culturais e promovendo uma maior valorização das contribuições africanas ao longo da história.

Fontes

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

COOGLER, Ryan (Diretor). **Pantera Negra. [Filme].** Estados Unidos: Marvel Studios, 2018. 1 DVD (134 min).

SILVA, Renato Cavalcante da. **O Pantera Negra e a história da África: reflexões sobre a HQ do Pantera Negra e suas correlações entre o ensino e aprendizagem a respeito da história da África.** Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA), Universidade Federal de Mato Grosso, 2020.

SANTOS, Jairton Peterson Rodrigues dos. **A Dois Passos de Wakanda: uma proposta de uso do cinema com temática negra para o ensino de História.** Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Amailton Magno. **Qual África ensinar no Brasil? Tendências e Perspectivas.** In *Projeto História*, São Paulo, n. 56, pp. 233-255, Mai.-Ago. 2016.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BONIFÁCIO, Selma de Fátima; CERRI, L. F. **História em Quadrinhos: Conhecimento Histórico e Comunicação de Massa no Espaço Escolar.** In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina.

CNN Brasil. **Governo do Distrito Federal associa cabelo ‘black power’ a queimadas e gera questionamentos.** <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/governo-do-distrito-federal-associa-cabelo-black-power-a-queimadas-e-gera-questionamentos/>> Acesso em: 29 de jan de 2025.

- FERRO, Marc. **O conhecimento histórico, os filmes, as mídias.** In *O Olho da História*, Revista de Teoria, Cultura, Cinema e Sociedades, n.6, julho de 2004.
- FREITAS, Kênia. **Afrofuturismo. Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica.** São Paulo: MASP, 2015.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?** Tradução de Júlio Bento. Brasília: UNESCO, 2010.
- M'BOKOLO, Elikia. **África Negra. História e Civilizações. Do século XIX aos nossos dias.** Salvador: EDUFBA, 2011.
- MARC, Ferro. **Cinema e história.** São Paulo: Paz e Terra. 2012.
- MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945).** Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.
- MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** In *Revista do IEB*, n. 62, dez. 2015.
- OLIVA, Anderson Ribeiro; CONCEIÇÃO, Maria Telvira. **A construção de epistemologias insubmissas e os caminhos possíveis para uma educação antirracista e anticolonial: reflexões sobre os 20 anos da Lei 10.639/2003.** In *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 12, nº 25, 2023.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. **Reflexos da África. Ideias e representações sobre os africanos no imaginário ocidental, estudos de caso no Brasil e em Portugal.** v.1. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.
- SILVA, Renato Cavalcante da. **O Pantera Negra e a história da África: reflexões sobre a HQ do Pantera Negra e suas correlações entre o ensino e aprendizagem a respeito da história da África.** São Paulo: Paruna Editora, 2022.
- SOARES, Alan Rodrigues; MARTINS, Ana Taís. **Afrofuturismo em Pantera Negra (2018) e as imagens do negro no futuro.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Virtual. Anais... Porto Alegre: Intercom, 2021.

SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo Martin. **O Cinema na sala de aula: uma análise a partir da obra de Marc Ferro**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina (UEL) Londrina, 2008.